

Resumo

O artigo busca contribuir para o estabelecimento de conexões epistemológicas entre o objeto de estudo Teoria do Efeito Estético, Biblioterapia e a Ciência da Informação, utilizando-se conceitos de outras áreas, principalmente das Letras, por meio de pesquisa bibliográfica com análise em bases de dados para a busca de textos relevantes sobre a relação entre os temas. Trata-se de uma pesquisa exploratória e bibliográfica. A coleta de dados foi realizada na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), com o termo biblioterapia em todas as datas e em todos os campos. Foi recuperado 43 trabalhos que analisados e aplicadas as exclusões, restaram 35 registros. Todos foram lidos e trabalhados em análise aos elementos: autor e ano, palavras-chave, palavras-chave, tipo de pesquisa, aplicabilidade, conceitos e componentes biblioterapêuticos. Como resultado, percebe-se que o tipo mais recorrente é o exploratório e relato de experiência, a aplicabilidade gira em torno de hospitais, escolas e bibliotecas, dos 35 trabalhos, 28 trouxeram conceitos e definições e 7 não. Caldin é a autora mais produtiva da área e catarse é o componente da biblioterapia mais citados nos trabalhos.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Biblioterapia. Teoria do Efeito Estético. Literatura. Epistemologia.

1 INTRODUÇÃO

Entende-se hoje que a Ciência da Informação (CI) é circunscrita por diversas tentativas em definir o que é esta área do conhecimento e qual é o seu objeto de investigação. Seguindo por esta linha de raciocínio, chega-se à interpretação de que é possível trabalhar com inúmeros objetos que demandem por informação. Sendo a CI interdisciplinar, verifica-se na comunicação científica as múltiplas possibilidades de interação entre as áreas e seus objetos. Na CI, pode-se investigar “[...] as forças que regem o fluxo e uso de informações” (BORKO, 1968, p. 5), dentre outras possibilidades de pesquisa.

É com base nesta afirmativa que se inicia a explicação da possível aproximação entre uma teoria proveniente da área da literatura e conceitos da CI, pois a mediação vale-se do uso da informação literária para a mediação do livro de ficção para com os interagentes de bibliotecas e, posterior, autonomia par o uso da informação literária e seu bel-prazer.

A possibilidade da aproximação das duas áreas do conhecimento está no reforço da ideia de que o cientista da informação, segundo Borko (1968), é competente para atuar como educador e é nessa possibilidade que se pode ver a ação profissional do mediador da informação. Pois, a medida em que ele medeia a informação, ele realiza a atividade de seu “ser educador”. Le Coadic (2004) menciona a CI como área do conhecimento preocupada com a informação. Pode-se dizer que o problema social da CI está na demanda de alguém que procura por informação.

Em se tratando disso, aborda-se a mediação da informação como possibilidade para o atendimento da demanda proveniente da necessidade de informação. Tendo em vista que a mediação é tratada na CI como a realização de atividade profissional em que dois elementos são articulados por um terceiro; assim a mediação da informação é a possibilidade da ação profissional em colocar o leitor em condições de se apropriar da informação (BORTOLIN; SANTOS NETO, 2015).

Trata-se neste trabalho, da informação literária. Assim, a mediação da literatura ou mediação da informação literária, segundo Silva (2015), contribui para a formação de leitores e permite a apropriação de informação em textos literários, que contribuem para que por meio das histórias, o mundo possa ser conhecido e descoberto por aqueles que as leem.

Atrelando o trabalho de mediação, o processo de leitura e apropriação do conteúdo para o momento de introspecção do leitor, que segundo Caldin (2010), acontece quando o leitor tem a consciência de seus atributos pessoais presentes no personagem ficcional, iniciando um processo interno de reconhecimento do seu comportamento. Este último, se modificado e permitir o leitor se sentir bem, levando essa benevolência para o lidar com o outro, que é um ser social, pode favorecer a um bom relacionamento e à saúde mental, decorrente do bem-estar social e pessoal.

Introspecção é um dos componentes da biblioterapia, conceito difundido na área da Ciência da Informação como um dos métodos de mediação. Caldin (2010, p. 14) esclarece que “[...] a biblioterapia admite a possibilidade de terapia por meio de textos literários [...]”; menciona que o processo ocorre com a leitura, narração ou dramatização que é complementada por comentários provenientes desta ação; os participantes das vivências permitem o entrelaçamento de ideias do autor, textos e interpretações serem compostos para formar o resultado da biblioterapia; do ouvir o outro surge o novo texto, que foi criado dessa relação autor-texto-leitor; as sessões permitem este contato e esta troca, que Caldin (2010, p. 15) diz ser de “[...] experiências sem perder de vista a individuação do sujeito, ou seja, enseja o diálogo.” Sobre o ato de ler, Caldin (2010, p. 15) declara que “[...] a leitura não é entendida como mera decodificação de signos, mas sim como um fluxo temporal, uma síntese de significações, uma expressão, uma criação, enfim.”

Dessa forma, entende-se a busca por literatura como forma de lazer, entretenimento, educação, vivência e conhecimento da experiência do outro. A necessidade de informação literária demandada por interagentes em unidades de informação, necessita de oferta de serviços que possam contribuir para esta outra esfera do fazer bibliotecário, do uso da informação para atender a uma demanda específica, a da leitura biblioterapêutica. A experienciação do ser vivente em processo de vivenciar o que personagens já viveram, com a possibilidade da catarse com a história e a identificação com os personagens e por meio da introspecção, refletir e poder obter alívio para sua dor, angústia ou demais sentimentos e emoções. Como esclarece Caldin (2010, p. 16), é a possibilidade de ter “[...] certeza de que não estamos sozinhos no mundo da vida, e assim, temos capacidade de vencer obstáculos reais ou imaginários, posto que dispomos de parceiros para tal enfrentamento.”

Encontra-se na ação dos aplicadores de biblioterapia a oportunidade profissional dos mediadores da literatura o aporte necessário para justificar esta pesquisa. Uma vez que eles precisam conhecer obras variadas para apresentar ao público leitor, entendo que pode trazer da área da Literatura as teorias que possam enriquecer os processos de mediação e estudos de usuários.

No que tange o processo de uso da informação literária, fica registrado o entendimento da provocação que a obra realiza nos leitores, como sendo a recepção da obra e seu efeito estético. Quando o mediador da literatura perceber os indivíduos leitores como atores que trazem complementos às obras literárias e vice-versa, eles entenderão a potencialidade da mediação por meio da Teoria do Efeito Estético.

Percebe-se na comunicação científica as ações de práticas de mediação da literatura com a indicação dos cânones da literatura e dos clássicos. Considera-se que a literatura é janela aberta para o conhecimento do mundo ou de mundos e pode ser melhor explorada na CI e nos processos de mediação.

Ponderando a literatura infantil ou juvenil como sendo aquela que é pensada e criada para crianças e jovens, com linguagem adaptada a eles; constando aventuras, imaginação, criatividade e muita diversidade de enredo; com personagens em um universo lúdico; as que crianças e jovens se interessam para ler, ouvir e interagir. Importa salientar que são histórias informativas, formadoras, de entretenimento, que fazem o leitor refletir e o coloca entre os espaços deixados pelo escritor para pensar em diversos assuntos abordados nas obras. Pode-se afirmar conjuntamente com a Teoria do Efeito Estético que o autor prepara uma história, que compõe um texto, este será lido por leitores, que as interpretam e podem se colocar como coautores do livro, uma vez que nas suas colocações pessoais, em construções conjuntamente com o autor, ele participa da história. O leitor fica em destaque.

Com base no exposto, expõe-se que na mediação da literatura é possível tratar de temas leves, não tão leves e delicados como: morte, violência, sexo, entre outros. Diante de tais tópicos considerados delicados de se tratar em ambientes públicos, encontra-se na área da Literatura a contribuição por meio da Teoria do Efeito Estético para demonstrar como esses assuntos polêmicos e delicados podem ser tratados com o público infantil.

A recepção do texto literário pode assumir compromisso com a sociedade e assim ter a função social, quando na leitura da obra, o leitor identificar elementos de sua vivência no conteúdo sociocultural existente na obra. No entanto, isso pode acontecer, mas há, ainda assim de se conseguir atender à necessidade estética do indivíduo.

A Teoria do Efeito Estético provém do campo da Literatura em uma proposta que Iser (1996, p. 23) chamou de “[...] interpretação teórica da literatura que busca as significações aparentemente oculta nos textos literários”. A interpretação que subtrai do texto os significados não visíveis na visada do primeiro olhar e da primeira leitura, está perceptível nas entrelinhas, o espaço dado para a interação do leitor com o texto, que apreende os signos. Iser (1996) diz que os sentidos são os efeitos experimentados pelo leitor. Os efeitos provocados pela obra decorrem na leitura de textos ficcionais e a significação é o produto de efeitos experimentados.

Aproveita-se esta introdução para apresentar as justificativas da pesquisa, que está em torno da descoberta do ler e do conhecer sobre o universo da literatura fantástica, maravilhosa e realista dos textos dirigidos às crianças e jovens. Sendo o livro uma obra de arte livre e aberta, ela pode ser apreciada por aqueles que a procura. Assim, adultos também são leitores potenciais das referidas criações. No entanto, algumas abordagens na literatura infantojuvenil são delicadas e o questionamento de como tratar com esta problemática surge. Sendo assim, se a literatura é uma instituição **social** e a literatura infantojuvenil tem compromisso com a sociedade. Afirma-se que ao representar os modelos de comportamento vigentes e adotados pelo coletivo e para a convivência, este gênero da literatura demonstra aos leitores uma representação de mundo. Desta forma, a adoção de temas delicados possibilita a leitura de mundos. Considera-se necessária a

adoção dos temas provocativos e polêmicos durante a mediação da leitura nos espaços de bibliotecas, principalmente as públicas, que têm características de espaço para formação, informação e diálogo.

Este último, o diálogo precisa ser provocador no intuito de fazer o cidadão refletir sobre questões sociais e que estão no entorno dos indivíduos. Sob o **olhar científico**, percebe-se que ao aproximar as duas áreas de conhecimento, elas enriquecem a ambas, com práticas mediadoras melhoradas e aperfeiçoadas. A Ciência da Informação está em fase de iniciação à análise da informação literária para criança e jovem, neste escopo. Os mediadores de literatura ao mediar o livro de literatura infantil e juvenil, abordando temas delicados, podem provocar a reflexão de questões sociais e das realidades vividas por muitas pessoas, eles estão realizando ação com propósito social. Assim, as bibliotecas públicas e os mediadores de literatura poderão contribuir com o coletivo em uma ação política de pensar no bem-estar social, fazendo-os pensar e a ver o mundo ou partes dele.

Por esta lógica surge a pergunta: como a Teoria do Efeito Estética, da área da Literatura, pode se aproximar do objeto de estudo da Ciência da Informação? Analisa-se 35 comunicações científicas disponibilizadas na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), com atenção aos elementos: autor e ano, palavras-chave, tipo de pesquisa, aplicabilidade, conceitos e componentes biblioterapêuticos.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, MEDIAÇÃO, BIBLIOTERAPIA E TEORIA DO EFEITO ESTÉTICO: ONDE SE ENCONTRAM E O QUE DIALOGAM EPISTEMOLÓGICAMENTE?

Nesta seção, pretende-se mostrar como desencadeia o entendimento da área da Ciência da Informação sobre suas teorias e conceitos e a aproximação com as discussões sobre o uso da informação por meio da mediação e o surgimento da atividade denominada Biblioterapia, buscando relacioná-la com a área da Literatura ao trazer para o diálogo a Teoria do Efeito Estético.

Quando se estuda os fundamentos da Ciência da Informação (CI), pode-se encontrar em Buckland (1991) a ideia da informação-como-processo, sendo ela capaz de modificar o estado atual do conhecimento. Assim, quando o indivíduo percebe uma lacuna em suas bases teóricas ou conceituais, ele pode buscar na informação a maneira de informar-se, modificar-se, atualizar-se, há aí o processo de tornar-se informado. Esta informação-como-processo é vista por Capurro (2003) como a percepção da necessidade de informação quando do estado cognitivo anômalo, em que o indivíduo percebe que para resolver um problema que demanda informação é preciso ir à busca de novas informações, pois seus modelos mentais desconhecemos que se apresenta como novo e já não dão conta de trazer resolução para o caso em questão.

Ainda temos a informação proveniente das ideias de Buckland (1991), quando ele esclarece que a informação-como-conhecimento é a que se percebe na transmissão de fato, notícia ou conhecimento, tendo a característica de reduzir a incerteza sobre algo. Aqui encontra-se a oportunidade para relacionar informação-como-conhecimento com a mediação da literatura, mas aquela em que assuntos são discutidos e correlacionados com a vida do ser-no-mundo em plena experiência e vivência. Na mediação, “[...] nosso conhecimento se constrói mediado e, da

mesma forma, somos mediadores na construção do conhecimento dos outros” (ALMEIDA JUNIOR, 2015, p. 11).

Com a mediação da literatura e o uso de textos que abordam temas da vida cotidiana e real, o mediador contribui com a diminuição de incertezas de diversos aspectos da vida humana. Pois, no diálogo com os leitores algo é transmitido e debatido. A informação-como-conhecimento promove este aspecto de ampliação de temáticas e formas de ver o mundo. Há uma construção social em que a mediação possibilita que haja ensinamento e aprendizado entrecruzados, uma via de mão dupla. Nas duas direções se ensina e se aprende.

Ancora-se a fundamentação na interdisciplinaridade, Saracevic (1996) aponta como sendo esta, uma característica geral da CI. Pela interdisciplinaridade é que se aproximam a Literatura e a CI, em um processo de definição de problemas envolvendo as duas áreas do conhecimento em pesquisas científicas e práticas profissionais para verificar os métodos e a solução dos problemas que demandam por informação.

Dessa forma, é importante salientar que Saracevic (1996) vislumbra a informação como a interação da estrutura cognitiva da mente e do texto, que altera o conhecimento do indivíduo ao demonstrar o que entendeu do texto. Ou, ainda, quando existente num contexto, envolvendo mensagens, contextos, ação para o processamento cognitivo da informação. A motivação e a intencionalidade do indivíduo estão envolvidas no desenvolvimento da ação.

Perceba que Saracevic (1996) dialoga com Almeida Junior (2015), quando este se refere à mediação. Uma vez que “O olhar do outro é construído não só do que ele vê, mas dos seus conceitos, suas ideias, suas concepções, suas explicações do mundo, suas experiências, suas vivências” (ALMEIDA JUNIOR, 2015, p. 12).

Contribuindo com esta ideia, Capurro (2003) menciona o paradigma social e a importância da constituição social das necessidades dos usuários de informação. O autor esclarece que o ser-no-mundo - pensado e difundido por Heidegger - coloca-o na posição de se relacionar com a vida experienciada e prática em um ato social com outros e com as coisas.

No caso do paradigma social, a relação entre informação e significado precisa trazer o conceito de informação para a realidade social. Freire e Silva (2012) elucidam que o paradigma social os campos: sensibilidade, recepção e interpretação, estão fortemente ligados ao contato direto de comunidades e grupos sociais constituintes da sociedade.

Mediando e dialogando sobre os vários aspectos visíveis e invisíveis que carrega, “A informação vai se construindo, se impregnando de intenções, interesses, desejos, valores. Ela carrega embates, lutas por poder, por dominação, por imposições de conceitos, verdades” (ALMEIDA JUNIOR, 2015, p. 12).

Observa-se aqui a importância da relação autor-obra-leitor em processo de mediação e uso da informação para que ocorra o esclarecimento de questões de necessidades informacionais diversas. A literatura de lazer pode contribuir para diversas discussões sociais, econômicas e históricas. Ela carrega muitas das marcas dos olhares e das vivências de quem a construiu e a comunicou, fortemente marcada por um contexto e uma história social.

Sobre essa relação da necessidade de informação, do uso da informação e da mediação a ser realizada pelo profissional da informação, encontra-se em Saracevic (1996) a constatação de que a CI dedica esforços às questões científicas e às práticas profissionais. No entanto, esta área volta-se à problemas efetivos de comunicação do conhecimento, dos registros humanos em diversos contextos, sendo eles: social, institucional e individual. Todos relacionados ao uso e necessidades de informação.

Quando se trata de mediação da literatura e apropriação da informação por meio do estudo e da reflexão da temática apresentada nos textos, Capurro e Hjørland (2007) lembram que a informação provém de textos em suas variadas formas de expressão, podendo ela ser utilizada no sentido da educação e comunicação. É na educação que o mediador poderá se colocar entre o texto e o leitor para dialogar sobre suas interpretações e inferências durante o processo de coautoria, como bem diz Jauss (2002) e Iser (1996). Veja que, quando alguém informa algo a alguém é realizada a comunicação da informação (CAPURRO; HJORLAND, 2007). Assim, o processo de mediação da literatura é sim um processo de mediação da informação. Pois, algo está sendo informado por meio da reflexão e da discussão sobre a temática.

Seguindo o raciocínio de Buckland (1991), qualquer coisa pode ser informativa ou informação, pode-se concluir que a Literatura de Lazer é informativa e por conseguinte é informação. No processo de mediação da literatura, considera-se que:

Informação é qualquer coisa que é de importância na resposta a uma questão. Qualquer coisa pode ser informação. Na prática, contudo, informação deve ser definida em relação às necessidades dos grupos-alvo servidos pelos especialistas em informação, não de modo universal ou individualista, mas, em vez disso, de modo coletivo ou particular. Informação é o que pode responder questões importantes relacionadas às atividades do grupo-alvo (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 187).

Ao pensar que informação pode ser qualquer coisa e ter a consciência de que esta coisa precisa ter importância na busca por respostas, levanta-se a tese de que na busca por um serviço de mediação da literatura, quando alguém se põe a ler e ouvir, ela está buscando por algo que é representativo para ela. O grupo ali participante busca por informações diversas, podendo ser a informação literária, informação de histórias novas, informação de contexto histórico-social dos textos mediados, informação sobre a representação da realidade vivida pelas personagens e a consequente associação à vida real. Informação que busca trazer luz à algo vivido e que ainda não compreendido.

Capurro e Hjørland (2007, p. 192) esclarecem que “Os critérios sobre o que conta como informação são formulados por processos sócio-culturais e científicos. Usuários deveriam ser vistos como indivíduos em situações concretas dentro de organizações sociais e domínios de conhecimento”. Para cada indivíduo participante do processo de mediação da literatura a informação será de acordo com seu contexto social e cultural. De igual modo, será a participação e contribuição com o diálogo de reflexão sobre as abordagens textuais.

Concorda-se com Capurro e Hjørland (2007, p. 192) quando afirmam que “As pessoas têm diferentes bagagens educacionais e desempenham diferentes funções na divisão do trabalho na sociedade”. Considera-se que pessoa carrega uma história, uma experiência, uma necessidade, que no ato de compartilhar pode contribuir com o esclarecimento de outros, quando estes se identificarem com as mesmas dúvidas ou dores ou alegrias ou outra sensação e sentimento despertado pela mediação da literatura.

Observa-se nestas questões a aproximação da área da Literatura e a Teoria da Estética da Recepção com a mediação da área da CI. Capurro e Hjørland (2007) dizem que a informação dependerá da interpretação da cada agente cognitivo e, também, o reflexo da função social que o sistema de informação desempenha.

Sendo a CI uma área do conhecimento que busca solucionar problemas, afirma-se que na Biblioterapia ou na Mediação, a demanda está no encontro com o lúdico para amenizar as mazelas da vida e do cotidiano. Uma fuga temporária do real para o imaginário.

Freire e Silva (2012) declaram que o problema epistemológico está na forma de como se resolver problemas de informação; o objeto da CI é fragmentado e depende do contexto histórico-social e norteado por fatores fundamentais, mas que para este estudo destaca-se a relação entre informação e processos, configurando os construtos para a efetiva concatenação entre teoria e prática, afirmam os autores.

Na tentativa de comparar este estudo com uma das correntes teóricas da CI descritas por Araújo (2014), afirma-se que se relaciona com os estudos de usuários, em que se pode explorar fluxos de informação, hábitos informacionais, perfis dos usuários e o comportamento informacional dos leitores. Ainda, consegue-se aliar a perspectiva cognitivista e a busca por entender o que é informação do ponto de vista dos usuários. O que se permite considerar a aproximação com a informação-como-processo de Capurro (2003), pois lida com modelos mentais, percepção de lacunas informacionais, entre outros aspectos. Mas, o que mais se aproxima é a questão da informação-como-conhecimento, nesta o sujeito transmite e recebe informação para esclarecer, gerar e disseminar novas informações. Estas vistas e revistas por meio do diálogo e da reflexão, do debate das diversas temáticas encontradas.

Ingwersen (1992) informa sobre a geração, manipulação, recuperação e uso da informação no cotidiano humano e faz a menção aos indivíduos interagindo e trocando informações entre si e com a sociedade em que estão inseridos como composição de estruturas cognitivas coletivas. Considera-se fundamental realizar a reflexão sobre ter ocorrido o deslocamento de foco ocorrido no paradigma informacional, este apresentado por Freire (2006), em que os autores e coleções são deslocados para a atenção à informação em si. Os usuários são colocados no centro do processo de comunicação da informação.

Na área da Literatura ocorreu o mesmo quando Jauss (2002) e Iser (1996) reforçam que nos estudos da interpretação teórica o leitor é retirado da periferia e colocado no centro conjuntamente com o autor e o texto, formando a tríade autor-texto-leitor. Daí a afirmativa: “A obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor” (ISER, 1996, p. 51).

Caldin (2012) diz que Iser tem a preocupação com o efeito exercido pela obra sobre o leitor, pois na teoria deste autor, o leitor é colocado como participante da obra. Ele reelabora a leitura com inferências da realidade. Essa participação se dá nos espaços vazios do texto literário e pelo horizonte de expectativas do leitor. Para Caldin (2012, sem paginação), “[...] Iser prioriza a interação do texto literário com o leitor”. O autor traz os aspectos estéticos do texto literário e defende a dimensão social da leitura. A defesa de Caldin (2012) está no efeito terapêutico da leitura e na experiência catártica, purificadora.

Com relação a tudo o que foi dito anteriormente, encerra-se esta fundamentação dizendo que sobre os conceitos e as contribuições dos autores da CI apresentados por Araújo (2014), este trabalho relaciona-se ao terceiro conceito, que diz respeito à dimensão humana, que se apresenta em seu grau mais complexo e abstrato no contexto sociocultural concretos. É por este caminho conceitual que este trabalho se apresenta.

3 BIBLIOTERAPIA: ORIGEM NO BRASIL, CONCEITOS, APLICADORES, TÉCNICAS E CAMPO DE ATUAÇÃO

Biblioterapia pode até ser um termo novo em seu cunho, no entanto, a prática terapêutica da leitura vem de longa data. Ratton (1975) apresentou a biblioterapia desde a idade média até o século XX. Alves (1982, p. 54) declarou que é forma de “tratamento bastante recente”, mas faz referência aos egípcios e romanos com a indicação da leitura como remédios para a alma. Bowman (1995/1997) citou a antiguidade e o uso da leitura para o desenvolvimento pessoal, citando Platão, Plutarco, Alexandre, Cícero e até mesmo Jesus e os evangelhos. Caldin (2001) informou que ao remontar a Aristóteles, a catarse se caracteriza pela liberação da emoção que a tragédia provocava, também considerou Wolfgang Iser e a organização da estética da recepção e o efeito estético, contribuição para a ideia de que o texto literário contribui para a mudança do estado psíquico do leitor.

Observou-se, por meio dos trabalhos recuperados na base de dados BRAPCI, que a Biblioteconomia no Brasil tem influência do que se produziu sobre a temática na norte-americana. Entre eles, esteve presente a pesquisa de Ratton (1975), que foi bibliotecária e estudante de psicologia, ela dissertou sobre o surgimento do termo biblioterapia, afirmando que na idade média os livros eram usados como remédios para a alma e visava-se a importância terapêutica da leitura; lembrou que no século XIX, as bibliotecas iniciaram trabalhos com ações terapêuticas com a seleção de material adequado, sem apelo moral ou religioso, textos de diversas áreas do conhecimento para contribuir com o leitor em seu crescimento pessoal. Castro e Pinheiro (2005) também fizeram esta apresentação.

Alves (1982) e Ferreira (2003) afirmaram que em meados de 1800 o americano Benjamin Rush utilizou a leitura como apoio à psicoterapia, que as primeiras experiências utilizando este recurso da biblioterapia foram realizadas por médicos americanos entre os anos de 1815 e 1853, com recomendação dos pacientes internados de leituras selecionadas e com adaptação a cada necessidade. No século XX, diversas áreas profissionais se interessaram pelo tema e, principalmente, os administradores de bibliotecas hospitalares buscaram utilizar o livro como instrumento terapêutico (RATTON, 1975).

O caso da biblioteca de Massachussets, que em 1904 desenvolveu um “programa envolvendo os aspectos psiquiátricos da leitura” é exemplo da aplicação da biblioterapia. Assim como, no caso de 1940, em que a “Menninger Clinic” teve seus interesses voltados para a biblioterapia, visando estabelecer bases para constituí-la como ciência.” E a exemplo do “Veterans Hospital”, que também utilizou livros com pacientes (RATTON, 1975, p. 199).

Outro dado importante na história da biblioterapia é sobre o “Dorland’s Illustrated Medical Dictionary”, que em 1941 definiu pela primeira vez a biblioterapia, como: “O emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais”. De igual modo, o dicionário especializado Webster’s Third International Dictionary foi o primeiro que publicou em 1961 a definição: “Uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em medicina e psicologia” e também: ‘Guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida’, foi mais tarde adotada como oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições.” (RATTON, 1975, p. 199; ALVES, 1982, p. 55).

No Dicionário de biblioteconomia de Domingos Buonoconi, a definição de biblioterapia é “a arte de curar as enfermidades por meio da leitura”, segundo Alves (1982).

A biblioterapia é uma prática em que o aplicador seleciona e prescreve livros de acordo com o perfil e a necessidade do leitor, para posteriormente ocorrer o diálogo sobre a leitura e a avaliação dos resultados obtidos pela leitura. Sendo ação considerada adequada para a profilaxia, educação, reabilitação e terapia de indivíduos de idades diferenciadas. A lista de efeitos benéficos da leitura é extensa, sendo algumas delas: conhecer e sentir experiências em segurança; prevenir indivíduos das consequências das ações de experiências dos textos; compreender problemas sociais de épocas diferentes; superar a uniformidade do ambiente vivido; diversificar os interesses; criar condições de liberdade de escolhas; transpor sem mobilidade no espaço para ambientes diferentes; ampliar a visão de pontos de vistas; aumentar a autoestima; clarear problemas; desenvolver atitudes sociais desejáveis; escolher valores adequados; estimular a criatividade; ampliar a comunicação; enriquecer vocabulário, conhecimento e ideias; facilitar a participação na vida comunitária; satisfação de necessidades estéticas, intelectuais e emocionais; adquirir conhecimento para desempenhar funções na vida; desenvolver a capacidade da crítica; obter informações diversificadas (RATTON, 1975).

Alves (1982) disse que Ruth Tews definiu a biblioterapia como sendo “um programa de atividade selecionada envolvendo materiais de leitura planejado, conduzido e controlado para tratamento, sob orientação médica, de problemas emocionais”.

Bowman (1995/1997) definiu assim a:

Biblioterapia pode ser descrita como o processo pelo qual a pessoa cega lê material biográfico ou autobiográfico sobre outros cegos e pessoas com visão para examinar sua própria situação de vida em vista do que ele leu. Biblioterapia é o uso de livros para assistir pessoas no tratamento de problemas de suas vidas, resolvendo conflitos intra ou interpessoal, lidar com o sofrimento ou outras emoções fortes, ou lidar com mudanças de vida desanimadoras.

Definição que, pela primeira vez, é mencionada a figura do não vidente (cego), menciona a experiência do outro e a identificação de problemas vividos na experiência do outro.

Sobre a leitura espontânea Ratton (1975) lembrou que propicia a higiene mental e contribui para o desenvolvimento pessoal, como também tem finalidade recreativa, de ação profilática, para evitar o estresse; ações que desviam a atenção para promover o relaxamento e alívio de tensões, além de acrescentar informações ao leitor e proporcionar experiências emocionais, bem como cooperar para o desenvolvimento emocional e facilitar o reconhecimento da necessidade de modificações futuras de atitude e comportamento ou não.

Pinheiro (1998, s. p.) não conceitua, no entanto, traz a prática biblioterapêutica para o ambiente de casas que abrigam idosos para “[...] reforçar valores e dissipar isolamento.”, em que o objetivo é a sociabilidade.

Em 2001, um trabalho surgiu afirmando que “A função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções.” (CALDIN, 2001, p. 32). Foi com o trabalho de Caldin (2001) e sua análise do uso da literatura na perspectiva psicanalista do efeito literário do pensador Wolfgang Iser que relacionou o texto ao leitor, e consequentemente, as reverberações provenientes deste contato; apresenta conceitos de trabalhos de fora do Brasil, que mencionam a prescrição de leitura para o desenvolvimento humano e da saúde mental, como também apresenta os objetivos da biblioterapia.

Para Caldin (2001), a biblioterapia tem forte relação com a leitura dirigida e a interação em grupo para expressar sentimentos, sendo a partilha o momento da troca de experiências e valores entre semelhantes; quando da leitura, explicou que o fundamento filosófico da

biblioterapia está na leitura como implicação de uma interpretação de texto, que é uma terapia e traz a ideia de liberdade para este exercício, pois ela se complementa no comentário após a leitura ou na introspecção.

Sobre a biblioterapia, Bueno e Caldin (2002, p. 158) declaram que “Com a união destes dois termos, leitura e terapia, surgiu a biblioterapia, definida como um processo dinâmico de interação entre o leitor, o texto e o ouvinte, ajudando no crescimento emocional e psicológico.”

Ferreira (2003) trata da leitura terapêutica orientada como a o relacionamento entre usuário e bibliotecário para a orientação da leitura com o fim em um problema específico. Pinto (2005) além do tratamento físico e mental, vê a biblioterapia como coadjuvante no enfrentamento de crise ou de dificuldade, de exclusão, integração social, afastamento do convívio familiar, comunicação, entre outros.

Castro e Pinheiro (2005, p. 3) definiram biblioterapia com base nas anteriormente citadas neste trabalho e compilaram da seguinte forma:

Biblioterapia como um processo terapêutico baseado na literatura, que utiliza materiais diversos e selecionados (materiais bibliográficos ou não), com o objetivo de estimular insight através da leitura e de atividades lúdicas. A Biblioterapia se constitui então num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Seitz (2005; 2006) viu a biblioterapia como um programa com atividades voltadas para o material de leitura que foi previamente selecionado e está dentro de um planejamento com o intuito de contribuir para com a diminuição de problemas emocionais, comportamentais e outros. Atividades que foram conduzidas e controladas como tratamento. Lucas, Caldin e Silva (2006) alertaram para que a palavra do livro seja o ponto de partida para o diálogo em torno das ideias e libertando os participantes para a interpretação.

Nascimento e Rosemberg (2007, s. p.) relembrou a tese central da biblioterapia, apresentada por Caldin (2001), Ferreira (2003) e Oaknin (1996) em que o homem “[...] como criação contínua e em movimento constante, encontra suas forças no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura.” Nas análises de Rossi, Rossi e Souza (2007) a biblioterapia tem o mesmo conceito que os demais citados anteriormente, uma vez que fizeram uma revisão da literatura da área e apresentaram os conceitos, sem elaborar um conceito ou uma definição própria. De outro lado, esteve Seitz (2008) fez uma revisão de literatura e apresentou o que já se publicou sobre conceitos, não definindo ou conceituando com atualização do que já foi feito.

Salienta-se o que Bahiana (2009, p. 67) definiu como biblioterapia, sendo ela:

um dos recursos terapêuticos através da ressignificação da leitura prazerosa de qualquer texto escolhido selecionado ou mesmo indicado que após a leitura, narrativa ou contada venha resultar numa paz de espírito tamanha amenizando as tensões psicossomáticas do sujeito cognitivo, conseqüentemente proporcionando leveza mental.

A leitura terapêutica com o poder de apaziguar o leitor. Caldin (2011) tratou da leitura como função terapêutica por meio da abordagem fenomenológica de uma aplicação de biblioterapia em escola pública municipal, com alunos de classe matutina de aceleração, investigando a linguagem que expressa a experiência vivida dos sujeitos, que para Merleau-

Ponty é a fala uma das variantes do poder da expressão do corpo. Deste filósofo, Caldin (2011) mencionou a fala falante como a produtora de significados ao inferir novos sentidos ao que foi lido.

Bernardino, Elliot e Rolim Neto (2012) contaram com a leitura terapêutica para trabalhar aspectos da biblioterapia, sem fazer ou trazer definição ou conceito. Jerônimo, Rossetto, Silva, Gonçalves e Trein (2012) apenas apresentaram revisão de literatura e as definições e conceitos realizados nos textos, não tecem definição ou conceitual. No entanto, alegaram que a missão da biblioterapia é cuidar do ser, tratando do ser humano e das relações objetivando a transformação pessoal e social por meio da tolerância. Com Almeida; Gomes; Silva; Silva (2012, s. p.) a biblioterapia “[...] pode ser compreendida como uma prática que utiliza textos com o intuito de ajudar pessoas com problemas físicos ou mentais a encontrarem as soluções no prazer da leitura.”

Ainda sobre a leitura terapêutica e a biblioterapia serem uma forma de cuidar do ser, pode-se complementar com Lima e Caldin (2013) quando informaram que a biblioterapia educa e relaciona-se com o sentir e o criar.

Em torno da aplicabilidade, Guedes e Baptista (2013, p. 248) disseram que “A Biblioterapia pode ser entendida como uma técnica de seleção de literatura dirigida para diversas questões, de forma a contribuir para a melhoria do indivíduo, em sua condição específica.” Já Calixto e Belmino (2013, p. 13-14) afirmaram que a prática biblioterapêutica tem consonância com a psicologia hospitalar e contribui para a humanização do ambiente, sendo também, um instrumento para se conhecer o mundo interno da criança, objetivando melhoras significativas ao infante.

Biblioterapia ainda é vista filosoficamente por Mostafa, Cruz e Benevenuto (2013, s. p.) como “[...] uma das vertentes da oralidade ou do ato de ler.” Visa a leitura em grupo com hospitalizados e confinados. Outra visão foi apresentada por Felipe e Gomes (2014, p. 157) como complemento da educação formal, utilizando discussões orientadas e leitura dirigida, buscando ser aplicada por pessoa capacitada e em grupos homogêneos em interesses e idade. Tem-se a ideia de ser a biblioterapia “[...] muito mais que um tratamento para determinados males, pois pode ser aplicada tanto num processo de desenvolvimento pessoal, educacional, como num processo clínico-terapêutico.” (FONSECA, 2014, p. 6).

Na reflexão de Valência e Magalhães (2015) despontou que a biblioterapia liberta o indivíduo para criar novos sentidos e exteriorizar seus sentimentos, trazendo conforme emocional, físico e mental; favorece socialização, ressocialização, ampliação de vocabulário, melhoria na comunicação, aumento da autoestima, trazendo consciência e tranquilidade ao indivíduo. Fonseca e Azevedo (2016) resumem as ideias de Caldin (2001) em torno da terapia pelo uso de livros e a interação entre leitor e texto, com a possibilidade de identificação, introjeção, humor, projeção, catarse, diálogo e instrospecção serem trabalhadas na sessão de aplicação de biblioterapia.

A biblioterapia é uma prática inter e transdisciplinar, envolvendo diversas áreas do conhecimento e seus profissionais, com prática de atividade dirigida, em que a meta é proporcionar diálogos terapêuticos por meio da leitura literária; apresenta ludicidade com a música e o teatro, etc.; promove lazer e higiene mental em indivíduos a propicia resolver seus problemas; é facilitadora de relações intra e interpessoais (GRASSELLI; GERLI, 2017). Terapia por meio do livro para tratar dos problemas emocionais, físicos, buscando resolução dos

problemas e o controle de emoções, promovendo o bem-estar pessoal e social (SANTOS; RAMOS; SOUSA, 2017).

Balbinotti (2017) entendeu o papel da biblioterapia como sendo o de ofertar a leitura para fugir ou enfrentar os seus transtornos de ansiedade entre outros de fundo psicológico. Evidenciaram, Leite e Caldin (2017, p. 64), que:

A aplicação biblioterapêutica revela-se um método de tratamento com efeitos colaterais positivos, pois desenvolve a alteração de comportamentos e atitudes, estimula a intelectualidade, desenvolve a linguagem e conecta pessoas. Reforça-se que a biblioterapia é o cuidado com o corpo e a mente por meio da leitura. No Reino Unido, a biblioterapia é usada como reforço ao uso de medicação no tratamento de doenças mentais.

A biblioterapia precisa de um agente para ser o aplicador da metodologia. Neste sentido, Ratton,(1975, p. 199) citou que “[...] várias áreas profissionais manifestaram interesse pela matéria.” Deixando a entender que profissionais das bibliotecas, dos hospitais, das escolas e de consultórios psiquiátricos podem utilizar da biblioterapia em seus afazeres para contribuir para o bem-estar de leitores.

Votando-se para a atuação bibliotecária, Alves (1982) mencionou que estes profissionais não assumiram esta tarefa. Fato que implica nas questões de limites de ação bibliotecária e o campo da área da saúde. Cabe ao bibliotecário a indicação de livros, como material selecionado para o tratamento, não tratar. Bowman (1995/1997) se referiu aos aplicadores de biblioterapia, quando mencionou os profissionais que trabalham com a mediação de documentos para cegos. Pinheiro (1998) declarou aplicadores bibliotecários, estudantes de biblioteconomia, estudantes de psicologia, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, médicos, outros. Caldin (2001) citou que os aplicadores podem ser pessoas das áreas de Biblioteconomia, Literatura, Educação, Medicina, Psicologia e Enfermagem. Em trabalho conjunto, Bueno e Caldin (2002) comentaram sobre ser um trabalho bibliotecário, no relato escrito por elas. Caldin (2002) apresentou o acadêmico de Biblioteconomia como aplicador.

No trabalho de Ferreira (2003) foi citado como biblioterapeuta o profissional: psicólogo, educador, bibliotecário ou assistente social. Caldin (2004) publicou sobre a análise de textos literários para aplicação com crianças em hospital novamente e a verificação da aplicabilidade terapêutica. Segundo Pinto (2005), a biblioterapia é campo de exploração profissional do bibliotecário, no entanto, citou o psicólogo, o psicoterapeuta, o psiquiatra. Castro e Pinheiro (2005) citaram o bibliotecário como aplicador. Seitz (2005; 2006) chamou a atenção para os aplicadores serem médicos, psicólogos, bibliotecários, educadores e enfermeiros. Lucas, Caldin e Silva (2006) podem ser aplicadores de biblioterapia professores e pedagogos. Nascimento e Rosemberg (2007) mencionam assistentes sociais, bibliotecários, educadores, enfermeiros, médicos e psicólogos. Rossi, Rossi e Souza (2007) citaram os alunos do curso de Biblioteconomia como aplicadores. Seitz (2008) não esclareceu quem aplicou a biblioterapia, pode-se deduzir que foi a própria autora, uma vez que se tratou de um relato de pesquisa.

Continuando as descrições das possibilidades de aplicadores de biblioterapia encontrados nos trabalhos da BRAPCI, Bahiana (2009) descreveu as bibliotecas, os bibliotecários e os contadores de histórias. Caldin (2011) mencionou que a aplicabilidade foi desenvolvida por professora do curso de Biblioteconomia. Bernardino, Elliot e Rolim Neto (2012) também colocam os professores e acrescenta informando que os demais participantes de projetos de

extensão do curso de Biblioteconomia podem ser aplicadores. Desta mesma forma, Felipe e Gomes (2014) também realizaram um trabalho e os mencionam.

Em sequência à análise dos trabalhos da BRAPCI, Jerônimo, Rossetto, Silva, Gonçalves e Trein (2012) citaram como aplicadores os alunos do curso de biblioteconomia. Os aplicadores são os bibliotecários (ALMEIDA; GOMES; SILVA, 2012; FONSECA, 2014; VALÊNCIA; MAGALHÃES, 2015). Em trabalho de Lima e Caldin (2013) apareceram o acadêmico do curso de biblioteconomia. Guedes e Baptista (2013) declararam os aplicadores como: médicos, psicólogos, psiquiatras, professores e bibliotecários. Para Calixto e Belmino (2013) há semelhança com outros autores ao citarem bibliotecários, psicólogos e médicos. Para Balbinotti (2017) devem ser os profissionais, pesquisadores e estudantes da área da saúde e da Biblioteconomia.

Sobre o método biblioterapêutico, Caldin (2001, p. 37), “[...] consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem. As palavras são neutras. A linguagem metafórica conduz o homem para além de si mesmo; ele se torna outro, livre no pensamento e na ação.” O diálogo é o fundamento da biblioterapia, com interpretação plural e manifesta nos comentários feitos ao texto, abertura para a proposição de escolhas de pensamento e comportamento. Lembrando que na biblioterapia o texto desempenha o papel do terapeuta em um encontro dentre ouvinte e leitor. Sendo terapêutico a leitura, os comentários, os gestos, os sorrisos e os encontros. O texto mediando e unindo o grupo (CALDIN, 2001). Este método é citado por Ferreira (2003) em seu trabalho. Castro e Pinheiro (2005) mencionam o local e os atores como fatores fundamentais para a prática da sessão de biblioterapia.

Assim, algumas técnicas de biblioterapia e componentes biblioterapêuticos são descritos pelos autores dos trabalhos encontrados na BRAPCI. Entre as técnicas que são utilizadas para realizar a biblioterapia, afirmou Alves (1982, p. 56), “Os elementos presentes na biblioterapia são comparáveis aos da psicoterapia: universalização, identificação, *catharsis* e *‘insight’*.” Assim, pode-se ou não haver a recordação de experiências vividas (universalização), identificação com o personagem por meio do conteúdo, as sensações catárticas promovem o expurgo das emoções e o “*insight*” está na introspecção, a reflexão do texto. Uso de audiovisual, formação de grupos de leitura, seleção dos documentos, registros dos encontros, e avaliação das práticas (ALVES, 1982).

Bowman (1995/1997, p. 78, tradução minha) dizendo que “O processo de biblioterapia como as praticamos contém três componentes essenciais: a. pessoas com problemas; b. uma necessidade de um agente terapêutico; c. livros que tenham valor terapêutico.” A indicação de obras literárias para cada perfil é uma técnica fundamental para a aplicação da biblioterapia. Para tanto, é preciso conhecer o perfil de interesse dos participantes. Sobre isso, Bowman (1995/1997) mencionou acerca das prescrições biblioterapêuticas, com o seguimento de critérios que podem ser considerados para a seleção de material, como: conhecer o que o leitor deseja ou prefere; cuidar com as crenças religiosas de cada um, para não as ferir; conhecer as histórias e a educação dos leitores; saber da natureza do problema do leitor.

Pinheiro (1998, s. p.) explicitou a prática da biblioterapia com atividades que “[...] despertem o interesse e o gosto pela leitura.”; forneçam informações para melhorar as condições de vida; incentivem desenvolver atividades culturais; preencham o tempo ocioso; conscientizem da cidadania; tornem o idoso participativo da comunidade. A biblioterapia possibilita atividades que trazem mudanças significativas ao comportamento do idoso (PINHEIRO, 1998).

Como componentes biblioterapêuticos, Caldin (2001) e Lucas, Caldin e Silva (2006) se depararam com a catarse (pacificação das emoções), o humor (rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o objeto de dor em objeto de prazer), a identificação (assimilação de um aspecto, uma propriedade ou um atributo do outro e transformação total ou parcial do eu), a introjeção (traz de fora para dentro objetos e qualidades do fantástico do outro), a projeção (transferência de si para o outro de ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos) e a introspecção (processos mentais gerando reflexão sobre a percepção dos sentimentos com a possibilidade de mudança pessoal). Sobre o efeito moderador de conflitos está a catarse, que “[...] é a justa medida dos sentimentos – modera os sentimentos, produzindo-os.” (CALDIN, 2002, p. 39). Em Caldin (2002; 2003/2004), assim como em Ferreira (2003) e Lucas, Caldin e Silva (2006) e também em Lima e Caldin (2013) os componentes catarse, identificação, projeção, introjeção e introspecção estão presentes também, assim como a técnica da seleção e preparação das histórias. Outra técnica utilizada na biblioterapia é o uso do teatro na aplicação biblioterapêutica (CALDIN, 2001; 2011; LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006; ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007; SEITZ, 2008; ALMEIDA; GOMES; SILVA; SILVA, 2012), ou dramatização (CALDIN, 2002; 2004; JERÔNIMO; ROSSETTO; SILVA; GONÇALVES; TREIN, 2012), ou ainda a combinação dos dois termos: teatro e dramatização (BUENO; CALDIN, 2002; CALDIN, 2003/2004; NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007; BERNARDINO; ELLIOTT; ROLIM NETO, 2012; LIMA; CALDIN, 2013; VALÊNCIA; MAGALHÃES, 2015; FONSECA; AZEVEDO, 2016; GRASSELLI; GERLIN, 2017; SANTOS; RAMOS; SOUSA, 2017).

Bueno e Caldin (2002) dissertaram sobre a sensação de alívio ao aguçar a imaginação, pois são elementos a interpretação, raciocínio lógico, o diálogo e o restabelecimento psicológico e emocional, em um processo de libertação dos medos. Pode-se afirmar que há a presença da catarse, identificação e introspecção nestes elementos.

Para a biblioterapia, a seleção e a leitura prévia de textos, o exercício da leitura em voz alta e postura física, assim como o planejamento pré e pós-história é fundamental (BUENO, CALDIN, 2002; LUCAS, CALDIN, SILVA, 2006; NASCIMENTO, ROSEMBERG, 2007; GUEDES E BAPTISTA, 2013). Rossi, Rossi e Souza (2007) alertou para a seleção das obras a serem utilizadas na biblioterapia, mencionaram a linguagem acessível ao público. Para Ferreira (2003), a leitura orientada e crítica deve fazer parte de um programa de biblioterapia. Pinto (2005) mencionou somente dois componentes da biblioterapia: a catarse e projeção.

Da prática da biblioterapia, os aplicadores, segundo Seitz (2005; 2006) precisam elaborar atividades planejadas e com seleção de material de leitura, conduzidas e controladas pelo aplicador, em que a relação estabelece diálogo e resposta com entrega de relatório para que o médico faça a interpretação, avaliação e direção do acompanhamento. Obtendo-se, Segundo Seitz (2005, p. 100; 2006, p. 168), o “[...] desligamento dos problemas, das angústias, do medo e das incertezas, proporcionando um alívio das tensões emocionais, contribuindo para o bem-estar mental do paciente.” Nas análises das entrevistas e nas considerações finais de Seitz (2005; 2006) percebe-se os componentes biblioterapêuticos da catarse, identificação e introspecção.

Seguindo as apresentações de técnicas para aplicar biblioterapia, Almeida, Gomes, Silva e Silva (2012) citaram ser necessário conhecer os participantes em conversa informal para fazer o levantamento de dados das preferências, verificar a inclusão da dança e de leitura de textos escolhidos, como também dos cantos religiosos. Tendo em vista que investigaram campo com força religiosa entre os participantes. Lima e Caldin (2013) mencionam como modalidade de aplicação da biblioterapia: a leitura, a narração e a dramatização. Complementadas por Valência

e Magalhães (2015) que incluíram a informação de além de se contar histórias, usar as letras de músicas e os textos teatrais na prática.

Observando-se as possibilidades de campo de atuação biblioterapêutica, afirma-se que a biblioterapia é atividade que pode ser desenvolvida em diversos ambientes, desde que a leitura esteja presente. De acordo com os trabalhos publicados na BRAPCI os locais são variados e alguns se repetem. Apresenta-se os locais apontados por cada autoria. Segundo Raton (1975), podem aplicar em: Bibliotecas; Hospitais; Escolas; Consultórios psiquiátricos. Alves (1982) mencionou o Sistema Carcerário; Campo Correcional; Educação; Medicina; Psiquiatria. Para Bowman (1995/1997), os campos de atuação estão nos serviços prestados aos cegos. A experiência relatada por Pinheiro (1998) citou a casa lar de idosos chamada “Lar Torres de Melo” e o “Projeto Renascer” como espaço de aplicação da biblioterapia. Segundo Caldin (2001, p. 39), pode-se aplicar em “[...] hospitais, prisões, asilos, e no tratamento de problemas psicológicos em crianças, jovens, adultos, deficientes físicos, doentes crônicos e viciados.” Sendo a biblioterapia uma atividade interdisciplinar, ela permite a parceria de profissionais das seguintes áreas: Biblioteconomia, Literatura, Educação, Medicina, Psicologia e Enfermagem (CALDIN, 2001).

No trabalho de Bueno e Caldin (2002) e Caldin (2002; 2004) citaram o ambiente hospitalar como campo de atuação para o aplicador de biblioterapia, especificamente o hospital universitário. Caldin (2003/2004) mencionou a Escola de Educação Básica como outro espaço de atuação profissional para o desenvolvimento da biblioterapia. Ferreira (2003) citou atuação em escolas, bibliotecas públicas, centros comunitários e centros religiosos. Para Pinto (2005) é campo de atuação bibliotecas, hospitais e casa abrigo de crianças. Castro e Pinheiro (2005) disseram que hospitais, clínicas de saúde mental, especificamente citaram a Associação Metropolitana de Erradicação da Mendicância na Paraíba, essas são espaços de aplicação da biblioterapia. Seitz (2005; 2006; 2008) mencionou o hospital universitário, mas faz menção a hospitais de forma geral. Sendo que em 2008, aplicou a biblioterapia com pacientes e acompanhantes. Lucas, Caldin e Silva (2006) citaram a creche pública, um centro educacional infantil como espaço de aplicação. Nascimento e Rosemberg (2007) reconheceram a área de Saúde e Educação. Rossi, Rossi e Souza (2007, p. 337) citaram que “A biblioterapia pode ser aplicada em qualquer grupo de pessoas, sem restrições de cor, raça e idade.” O trabalho apresentado por elas foi desenvolvido na Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE), no bairro Campeche em Florianópolis (SC). Bahiana (2009) declarou ser em bibliotecas. Caldin (2011) aplicou com alunos de classe de aceleração de escola da rede pública de educação. Bernardino, Elliot e Rolim Neto (2012) citaram o hospital com crianças com câncer. Jerônimo, Rossetto, Silva, Gonçalves e Trein (2012) em locais onde o idoso está e especificamente um condomínio residencial com número elevado de idosos. Almeida, Gomes, Silva e Silva (2012) disseram que no lar do ancião evangélico. Lima e Caldin (2013) falaram em rede municipal de ensino, escola. Guedes e Baptista (2013) comentaram que nas áreas da Biblioteconomia e Psicologia. Calixto e Belmino (2013) elegeram os hospitais, os asilos, as penitenciárias e as escolas. Mostafa, Cruz e Benevenuto (2013, s. p.) dizem que o campo pode ser utilizado por pessoal da psicologia, pedagogia, história, letras e medicina. Para Felipe e Gomes (2014) são campo de aplicação o asilo, a casa do idoso e com o próprio idoso. Valência e Magalhães (2015) apontaram para os hospitais, as escolas, os abrigos, os asilos, os lares e as penitenciárias. Por fim, Grasseli e Gerlin (2017) repetiram a citação dos hospitais.

Percebe-se, assim, a origem, os conceitos, as definições, quem são os possíveis aplicadores, a metodologia, as técnicas, os componentes e os campos de atuação das práticas da biblioterapia relatadas em trabalhos publicados na base de dados da BRAPCI.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em tempo, observa-se que ao caracterizar este tipo de pesquisa, conclui-se que ela é: 1) do ponto de vista da abordagem do problema: qualitativa; 2) do ponto de vista de sua natureza: básica; 3) do ponto de vista de seus objetivos: exploratória; 4) do ponto de vista de seus procedimentos técnicos: bibliográfica. Para os aportes conceituais, verificou-se artigos, relatos de pesquisa, relatos de experiência na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). A seleção levou em consideração a base de dados nacional da área da Ciência da Informação que indexa trabalhos do cenário nacional com a possibilidade de recuperação de textos completos.

Para a coleta na base de dados nacional, utilizou-se o termo biblioterapia em português e inglês no campo de busca, selecionando “todos os campos” e a “delimitação de busca” para a data de 1972 até 2017. Sendo o ano de 1972 o mais antigo registrado na base de dados. Ficando assim, um não estabelecimento de recorte temporal. Tendo em consideração que se pretende verificar o surgimento do tema nas publicações indexadas nesta base de dados brasileira da área da Ciência da Informação. Como resultado da busca na BRAPCI, o termo biblioterapia recuperou 43 registros, os quais foram feitos *osdownloads* de todos os documentos, para posterior análise. Assim, foram retirados do *corpus* documental qualquer outro material não pertencente a este grupo, o que excluíram um Editorial e dois Resumos de Dissertação. Dos registros encontrados e da análise feita, ainda foi possível verificar 5 repetições, pois tratavam-se recuperações de trabalhos variantes do termo em inglês “bibliotherapy”, uma vez que foi realizada a busca com o termo neste idioma. Retiradas as repetições desta natureza, restaram 35 registros, os quais foram analisados e apresentados neste artigo. Apresenta-se o *corpus* recuperados na BRAPCI, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Artigos recuperados na BRAPCI.

ITEM	TÍTULO	AUTOR	REVISTA	ANO
1	Biblioterapia	Ângela Maria Lima Rattton	Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	1975
2	A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social	Maria Helena Hees Alves	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	1982
3	Biblioterapia: uma técnica para aconselhamento cegos	GarryBowman	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	1997
4	Biblioterapia para idoso projeto renascer: um relato de experiência	Edna Gomes Pinheiro	Informação & Sociedade: Estudos	1998
5	A leitura como função terapêutica: biblioterapia	Clarice FortkampCaldin	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	2001
6	A aplicação da biblioterapia em crianças	Silvana Beatriz Bueno; Clarice FortkampCaldin	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2002
7	Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência	Clarice FortkampCaldin	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	2002
8	Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência	Clarice FortkampCaldin	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2003/2004
9	Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal	Danielle Thiago Ferreira	ETD – Educação Temática Digital	2003

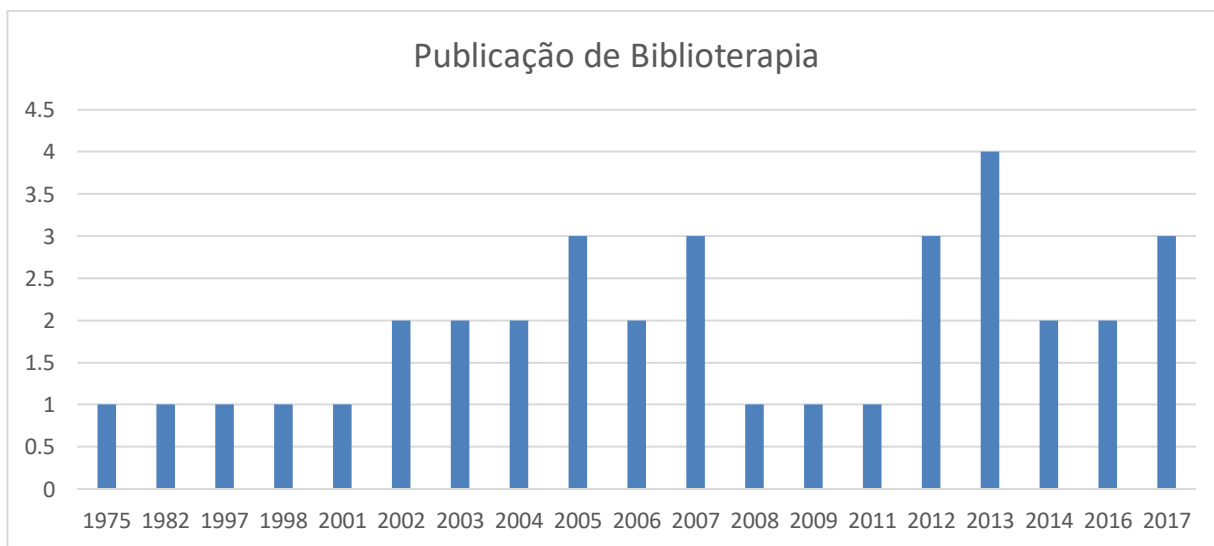
10	A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças	Clarice FortkampCaldin	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	2004
11	A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário	Virgínia Bentes Pinto	Transinformação	2005
12	Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa	Rachel Barbosa de Castro; Edna Gomes Pinheiro	Biblionline	2005
13	Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica	Eva Maria Seitz	ETD – Educação Temática Digital	2005
14	Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso	Elaine Rosangela de Oliveira Lucas; Clarice FortkampCaldin; Patrícia V. Pinheiro da Silva	Perspectivas em Ciência da Informação	2006
15	Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas	Eva Maria Seitz	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2006
16	A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados	Geovana Mascarenhas do Nascimento; Dulcinea Sarmento Rosemberg	Informação & Informação	2007
17	Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE)	Tatiana Rossi; Luciene Rossi; Marinalva Rodrigues de Souza	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2007
18	A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do hospital universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	Eva Maria Seitz	ETD – Educação Temática Digital	2008
19	A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico	Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	2009
20	A teoria merleau-pontyana da linguagem e a biblioterapia	Clarice FortkampCaldin	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	2011
21	Biblioterapia com crianças com câncer	Maria Cleide Rodrigues Bernardino; AriluciGoes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto	Informação & Informação	2012
22	Biblioterapia na melhor idade	Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetto; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Marlei Trein	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2012
23	Biblioterapia: o bibliotecário com agente integrador e socializador da informação	Edson Marques Almeida; Micarla do Nascimento Gomes; Diego Maradona Souza da Silva; Mona Lisa Silva	Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação – EREBD	2012
24	Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz	Daiana de Lima; Clarice FortkampCaldin	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2013
25	Biblioterapia na Ciência da Informação: comunicação e mediação	Mariana Giuberti Guedes; Sofia Galvão Baptista	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	2013
26	Biblioterapia: uma ferramenta para atuação do psicólogo hospitalar no atendimento à criança hospitalizada	AnnyCaroliny Leite Calixto; Marcus Cézar de Borba Belmino	Biblionline	2013
27	Fenomenologia versus filosofia da diferença: a biblioterapia em questão	Solange Puntel Mostafa; Denise Viuniski da Nova Cruz; Felipe Etelvino	Datagramazero	2013

		Benevenuto		
28	A parceria entre ciência da informação e responsabilidade social universitária para fins de inclusão social	André Anderson Cavalcante Felipe; Jesiel Ferreira Gomes	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	2014
29	A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor	Karla Haydê Oliveira da Fonseca	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2014
30	Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional	Maria Cristina Palhares Valencia; Michelle Cristina Magalhães	Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação	2015
31	Biblioterapia: relato de uma experiência no lar de idosos em Braga-Portugal	Karla Haydê Oliveira Fonseca; Fernando Azevedo	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2016
32	Aproximações entre a biblioterapia e o teatro clown: uma reflexão sobre a atuação do bibliotecário no ambiente hospitalar	Letícia Aurora de Almeida Grasselli; MeriNadia Marques Gerlin	Revista Conhecimento em Ação	2017
33	Biblioterapia: estudo comparativo das práticas biblioterápicas brasileiras e norte-americanas	Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde	2017
34	Páginas ansiosas: uma viagem pelo oceano da ansiedade até desembarcar na ilha da biblioterapia	StheveBalbinotti	Biblionline	2017
35	Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido	Clarice FortkampCaldin; Manuela Bravo Leite	Brazilian Journal of Information Science	2017

Fonte: Elaboração do autor, 2017.

Percebe-se que o primeiro trabalho registrado na BRAPCI é de Ratton (1975), outra curiosidade é que esta autora é utilizada em quase todos os outros trabalhos recuperados nesta pesquisa. A maior frequência de publicação sobre o tema é de Caldin, com 9 trabalhos, depois Seitz com 3 publicações e na sequência, Pinheiro com 2 e Fonseca com 2 trabalhos publicados, sendo em parceria com outro autor ou como autor único.

Figura 1 – Quantidade de publicação sobre biblioterapia de 1975 a 2017.



Fonte: Elaboração do autor, 2017.

A Figura 1 apresenta a quantidade publicação sobre o tema na BRAPCI no ínterim de 1975 a 2017. Deste cenário, percebe que nos anos anteriores a 2000 apresentam apenas 4 trabalhos, sendo apenas 1 para cada ano subsequente, sendo os anos de 1975, 1982, 1997 e 1998. No entanto, a partir do ano 2000 as tendência não mudou muito, pois ocorreram a publicação de um único trabalhos nos seguintes anos: 2001, 2008, 2009 e 2011. Percebe-se que a ocorrência de 2 trabalhos no mesmo ano foram para as datas de 2002, 2003, 2004, 2006, 2014 e 2015. Para o total de 3 trabalhos ao ano foram em 2005, 2007, 2012 e 2017. Somente em 2013 é que houve a ocorrência de 4 trabalhos publicados.

A análise dos artigos orienta-se pelos seguintes elementos: autor e ano, palavras-chave, tipo de pesquisa, aplicabilidade, conceitos e componentes biblioterapêuticos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O período cronológico investigado na base de dados BRAPCI são os anos de 1972 até 2017, identificando-se 35 trabalhos relacionados ao termo “Biblioterapia”. Buscou-se verificar quais eram os autores e o ano de publicação com o intuito de perceber a evolução dos conceitos e das definições do termo. Apresentados na seção 3 deste trabalho. Verificou-se quais são as palavras-chave utilizadas para a indexação destes trabalhos, quais os tipos de pesquisas que se debruçam sobre a temática, além de verificar a aplicabilidade e quais os componentes biblioterapêuticos que descrevem ou não. Desta feita, cita-se nome de autoria e ano, as palavras-chave utilizadas, o tipo de pesquisa, a aplicabilidade registrada nos trabalhos, se apresenta conceito ou não e os componentes biblioterapêuticos que trazem.

Quadro 2 – Análise dos artigos.

ITEM	AUTOR (ANO)	PALAVRAS-CHAVE	TIPO DE PESQUISA	APLICABILIDADE	CONCEITOS	COMPONENTES BIBLIOTERAPÊUTICOS
1	Ratton (1975)	Não se aplica	Exploratório Bibliográfico	Bibliotecas; Hospitais; Escolas; Consultórios psiquiátricos.	Não	Conhecer e sentir experiências em segurança; prevenir indivíduos das consequências das ações de experiências dos textos; compreender problemas sociais de épocas diferentes; superar a uniformidade do ambiente vivido; diversificar os interesses; criar condições de liberdade de escolhas; transpor sem mobilidade no espaço para ambientes diferentes; ampliar a visão de pontos de vistas; aumentar a autoestima; clarear problemas; desenvolver atitudes sociais desejáveis; escolher valores adequados; estimular a criatividade; ampliar a comunicação; enriquecer vocabulário, conhecimento e ideias; facilitar a participação na vida comunitária; satisfação de necessidades estéticas, intelectuais e

						emocionais; adquirir conhecimento para desempenhar funções na vida; desenvolver a capacidade da crítica; obter informações diversificadas.
2	Alves (1982)	Não se aplica	Exploratório Bibliográfico	Sistema carcerário; Campo correccional; Educação; Medicina; Psiquiatria.	Não	Universalização, identificação, catharsis e insight.
3	Bowman (1997)	Não se aplica	Exploratório Descritivo	Bibliotecas; Cegos.	Sim	Conhecer o que o leitor deseja ou prefere; cuidar com as crenças religiosas de cada um, para não as ferir; conhecer as histórias e a educação dos leitores; saber da natureza do problema do leitor.
4	Pinheiro (1998)	Não se aplica	Relato de experiência Exploratório Descritivo	Lar de idosos	Não	Despertar o interesse e o gosto pela leitura; fornecer informações para melhorar as condições de vida; incentivar desenvolvimento de atividades culturais; preencher o tempo ocioso; conscientizar da cidadania; tornar o idoso participativo da comunidade; trazer mudanças significativas ao comportamento do idoso.
5	Caldin (2001)	Biblioterapia; função terapêutica da leitura; catarse.	Exploratório	Biblioteconomia Literatura, Educação, Medicina, Psicologia e Enfermagem	Sim	Catarse (pacificação das emoções), o humor (rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o objeto de dor em objeto de prazer), a identificação (assimilação de um aspecto, uma propriedade ou um atributo do outro e transformação total ou parcial do eu), a introjeção (traz de fora para dentro objetos e qualidades do fantasístico do outro), a projeção (transferência de si para o outro de ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos) e a introspecção (processos mentais gerando reflexão sobre a percepção dos sentimentos com a possibilidade de mudança pessoal)

6	Bueno; Caldin (2002)	Biblioterapia; Crianças hospitalizadas; Leitura; Crianças hospitalizadas – recuperação.	Relato de experiência	Crianças enfermas; Hospital universitário.	Sim	Alívio das tensões, angústias e medos. Desenvolvimento da imaginação. Favorecimento da instrospecção e catarse. Ajuda no crescimento emocional e psicológico.
7	Caldin (2002)	Biblioterapia; Leitura – função terapêutica; Crianças hospitalizadas - leitura; Crianças hospitalizadas – biblioterapia; catarse.	Relato de experiência	Crianças internadas em hospital; Hospital universitário.	Sim	Catarse, identificação, projeção, introjeção e instrospecção
8	Caldin (2003/ 2004)	Biblioterapia; Leitura-função terapêutica; Leitura.	Relato de experiência	Alunos da classe de aceleração; Escola de Educação Básica.	Não	Catarse, identificação, projeção, introjeção e instrospecção.
9	Ferreira (2004)	Biblioterapia; Desenvolvimento pessoal; Profissional da informação; Programas biblioterápicos básicos.	Exploratório	Escolas, bibliotecas públicas e centros comunitários ou religiosos.	Sim	Projeção, universalização, identificação, catarse e insight.
10	Caldin (2004)	Biblioterapia; Literatura infantil; Leitura para crianças hospitalizadas; função terapêutica da leitura; catarse.	Relato de experiência	Crianças hospitalizadas , Hospital, creches, escolas, bibliotecas públicas, bibliotecas escolares.	Não	Catarse, identificação, introjeção, projeção e instrospecção.
11	Pinto (2005)	Bibliotecário; campo de atuação; biblioterapia; biblioteconomia- história.	Exploratório	Bibliotecas, hospitais, casa abrigo de crianças.	Sim	Catarse e projeção

12	Castro; Pinheiro (2005)	Não se aplica.	Exploratório	Abrigo de idosos, hospitais, clínicas de saúde mental; Associação Metropolitana de Erradicação da Mendicância.	Sim	Não se aplica
13	Seitz (2005)	Biblioterapia; Leitura; Hospitalização.	Relato de experiência	Hospital Universitário.	Sim	Não se aplica (não mencionou, apesar de comentar sobre os componentes de modo diferente)
14	Lucas; Caldin; Silva (2006)	Biblioterapia; contação de histórias; leitura infantil.	Exploratório Estudo de caso	Crianças; Centro de Educação; creche pública.	Sim	Catarse (pacificação das emoções), o humor (rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o objeto de dor em objeto de prazer), a identificação (assimilação de um aspecto, uma propriedade ou um atributo do outro e transformação total ou parcial do eu), a introjeção (traz de fora para dentro objetos e qualidades do fantasístico do outro), a projeção (transferência de si para o outro de ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos) e a introspecção (processos mentais gerando reflexão sobre a percepção dos sentimentos com a possibilidade de mudança pessoal)
15	Seitz (2006)	Biblioterapia; Leitura; Hospitalização.	Relato de experiência	Hospital Universitário.	Sim	Não se aplica (não mencionou, apesar de comentar sobre os componentes de modo diferente)
16	Nascimento; Rosenberg (2007)	Biblioterapia; tratamento em ambientes hospitalares; método biblioterapêutico em hospitais.	Exploratório	Hospital	Sim	Catarse, identificação, introjeção, projeção e introspecção.
17	Rossi; Rossi;	Atividades terapêuticas com	Relato de	Sociedade Espírita e	Sim	Introspecção, identificação, projeção, introjeção, humor e

	Souza (2007)	idosas; atividades lúdicas com idosas; biblioterapia.	experiência	Idosos.		catarse.
18	Seitz (2007)	Humanização da assistência hospitalar; prática biblioterapêutica; lazer; biblioterapia.	Pesquisa aplicada, exploratória, estudo de caso, relato de pesquisa	Hospital, Hospital universitário, pacientes e acompanhantes.	Sim	Não se aplica.
19	Bahiana (2008)	Biblioterapia; letramento; auto-ajuda; terapia; cognição.	Relato de experiência	Universitários, Discentes.	Sim	Não se aplica.
20	Caldin (2009)	Teoria merleau-pontyana da linguagem; fala falante; biblioterapia; leitura terapêutica.	Abordagem fenomenológica, Relato de experiência.	Escola, Escola da Rede Pública Estadual, Adolescentes.	Não	Não se aplica.
21	Bernardino; Elliott; Rolim Neto; (2011)	Biblioterapia; leitura-função terapêutica; biblioterapia-câncer.	Relato de experiência.	Crianças com câncer,	Não	Catarse, identificação e projeção.
22	Jerônimo; Rossetto; Silva; Gonçalves; Trein (2012)	Biblioterapia; catarse; idosos; socialização.	Relato de experiência.	Idosos, Edifício residencial.	Sim	Catarse e identificação.
23	Almeida; Gomes; Silva; Silva (2012)	Biblioterapia; bibliotecário socializador; leitura terapêutica.	Bibliográfica, Exploratória.	Lar do ancião, idosos.	Sim	Catarse, identificação e projeção.
24	Lima; Caldin (2012)	Leitura infantil; biblioterapia; componentes biblioterapêuticos.	Relato de experiência	Escola Básica Municipal, Escola, Crianças.	Sim	Catarse, humor, identificação, introjeção, projeção e introspecção.
25	Guedes; Baptista	Biblioterapia; mediação da	Exploratório	Não se aplica	Sim	Catarse, humor, identificação,

	(2013)	informação; comunicação da informação; mudança cognitiva; bibliotecário.				introjeção, projeção, introspecção.
26	Calixto; Belmiro (2013)	Psicologia hospitalar; biblioterapia; criança hospitalizada.	Exploratório, explicativo e bibliográfico	Hospital, criança hospitalizada.	Sim	Catarse, identificação, introspecção e projeção introjeção.
27	Mostafa; Cruz; Benevenuto (2013)	Biblioterapia; fenomenologia; filosofia da diferença; gestão de leitura; Ciência da Informação; medicina narrativa.	Exploratório; bibliográfico	Não se aplica	Sim	Catarse, identificação, introjeção, projeção e introspecção.
28	Felipe; Gomes (2013)	Ciência da Informação; responsabilidade social universitária; inclusão social; extensão universitária; biblioterapia.	Relato de experiência, exploratório, descritivo	Idoso, terceira idade e asilos.	Sim	Não se aplica
29	Fonseca (2014)	Biblioterapia; literatura clássica; desenvolvimento humano; qualidade de vida.	Exploratória, bibliográfica	Homens, mulheres e crianças.	Sim	Não se aplica.
30	Valência; Magalhães (2014)	Biblioterapia; biblioterapeuta; atividades biblioterapêuticas.	Bibliográfica e exploratória.	Hospitais, escolas, abrigos, asilos, lares, penitenciárias.	Sim	Catarse, humor, riso, identificação, introjeção, projeção, introspecção e insight.
31	Fonseca; Azevedo (2016)	Biblioterapia; ação solidária; envelhecimento populacional; trabalho voluntário.	Relato de experiência.	Idosos	Sim	Humor, riso, catarse, identificação, introjeção, projeção, diálogo, introspecção.

32	Grasselli; Gerlin (2016)	Biblioterapia; teatro Clown; leitura terapêutica; doutores da alegria; atuação bibliotecária.	Relato de experiência, exploratória, documental.	Hospital	Sim	Riso, humor, catarse, identificação, introspecção e projeção.
33	Santos; Ramos; Sousa (2017)	Biblioterapia; leitura terapêutica; projetos de biblioterapia; biblioterapia brasileira e norte- americana; revisão de literatura.	Revisão de literatura, bibliográfica, exploratória.	Não se aplica.	Sim	Humor, catarse, identificação, introjeção, projeção e introspecção.
34	Balbinotti (2017)	Ansiedade; biblioterapia; leitura.	Bibliográfica.	Hospital.	Sim	Não se aplica.
35	Caldin; Leite (2017)	Biblioterapia; biblioterapia de desenvolvimento; programas de biblioterapia no Reino Unido; literatura; livros de autoajuda.	Exploratória e bibliográfica.	Reino Unido.	Sim	Catarse e identificação.

Fonte: Elaboração do autor, 2017.

Da análise do Quadro 2, informa-se que quando os elementos de análise não constavam no trabalho analisado, eles recebiam a indicativa de “Não se aplica”, indicando a ausência. Sobre os autores, foi feita uma leitura na seção 4, quando da leitura do Quadro 1. No tocante às palavras-chave, dos 35 trabalhos, 5 deles não apresentam os termos.

Os termos utilizados para as palavras-chave contabilizaram 70 itens diferentes para a aplicação em todos os 35 trabalhos. Dentre as palavras, algumas se repetiram, ficando assim: 30 repetições para biblioterapia; 4 para catarse e leitura terapêutica; 3 para criança hospitalizada e leitura-função terapêutica; 2 para bibliotecário, ciência da informação, função terapêutica da leitura, hospitalização e leitura infantil.

Do tipo de trabalho desenvolvido, as possibilidades de serem de tipos acumulativos são apresentadas no Quadro 2. No entanto, apresenta-se a quantidade de trabalhos que são mais executados, sendo em ordem de maior produção apresentados: 21 são exploratórios; 16 são relatos de experiência; 10 são bibliográficos; 3 são descritivos; 2 estudos de casos. Para os demais, aparecem apenas uma vez, são os tipos: abordagem fenomenológica, documental, explicativo, pesquisa aplicada, relato de pesquisa e revisão de literatura.

Sobre os locais de aplicabilidade da biblioterapia ou das pessoas que podem receber as aplicações, citam-se 58 possibilidades. Dentre elas, as mais citadas são: hospital, com 6 ocorrências; hospital universitário, com 5 ocorrências; com 4 ocorrências para idosos (plural), hospitais (plural) e escolas (plural); com 3 ocorrências para bibliotecas e crianças; com 2 ocorrências cada para asilos, bibliotecas públicas, educação, escola e medicina. Sobre não a categoria “Não se aplica”, apareceram 3 vezes. Os demais itens aparecem apenas uma vez nas possibilidades de repetição.

Da observância de os trabalhos trazer ou não conceitos e definição, dos 35 itens, 7 não trouxeram e 28 sim. Do último elemento a ser analisado, componentes biblioterapêuticos, objetivou-se trabalhar com catarse, diálogo, humor, identificação, insight, introspecção, introjeção, projeção, riso e universalização. Quando os trabalhos não mencionavam, receberam a informação de “Não se aplica”. Desta feita, ficaram assim representados: 22 ocorrências para catarse; 21 para identificação; 19 para projeção; 16 para introspecção; 14 para introjeção; 12 para “Não se aplica”; 9 para humor; 3 para insight e riso; 2 para universalização; 1 para catharsis e diálogo.

Essas foram as análises dos dados recuperados na base de dados BRAPCI decorrentes do termo “Biblioterapia”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vias de finalização desta discussão, afirma-se que os objetivos desta pesquisa foram atingidos. Uma vez que foi possível a análise da literatura científica com vistas a verificar a aproximação com a Teoria do Efeito Estético da Recepção, da área da Literatura aplicada à Ciência da Informação (CI) por meio da mediação da literatura e, mais especificamente, da Biblioterapia.

Na construção das ideias sobre a Ciência da Informação, Mediação e Biblioterapia trabalharem com o uso da informação para determinados fins, atrelados aos aspectos da Teoria do Efeito Estético, proveniente da área da Literatura, que possibilitam o leitor aproximar-se do texto e inferir questionamentos e sua participação na construção subjetiva de um novo texto, interagindo com ele no momento da identificação, projeção, introjeção e introspecção.

Da análise da aparição da biblioterapia em trabalhos publicados no Brasil, optou-se por verificar uma base de dados da área da Ciência da Informação, a BRAPCI e recolher todos os textos que estão indexados nesta base. Realizou-se a análise para seleção e exclusão de material não condizente com os critérios estabelecidos. Dos 35 trabalhos restantes, em análise dos elementos delineados: autor e ano, palavras-chave, tipo de pesquisa, aplicabilidade, conceitos e componentes biblioterapêuticos, o que se percebe é que Clarice FortkampCaldin é a autor mais produtiva sobre a temática, seguida por Eva Maria Seitz. Os trabalhos estão bem distribuídos a partir do ano 2000. Apesar disso, ainda é ínfimo o número de publicações registrados na BRAPCI sobre a Biblioterapia.

Verifica-se que há 70 termos diferentes em palavras-chave para indexar os trabalhos, o que leva a uma pergunta: as revistas científicas brasileiras estão se importando com o vocabulário controlado e repassando esta preocupação para os autores? Para que eles possam utilizar os termos corretos, encontrados em tesouros da área. Os termos biblioterapia, catarse e leitura terapêutica são os mais registrados.

Encontra-se, ainda, uma tendência para a execução de trabalhos exploratórios e relatos de experiência, seguidos pelo tipo bibliográfico, deixando os demais em números menores de produção. Das possibilidades de aplicação da biblioterapia, 58 são os registros distintos de aplicabilidade, sendo o hospital, a escola, a biblioteca os locais mais citados. De igual forma, a criança é mencionada em maior número para a recepção das atividades de biblioterapia.

Fechando estas considerações, os componentes biblioterapêuticos são perceptíveis em 28 dos 35 trabalhos, sendo: a catarse recorrente em 22 trabalhos; seguida da identificação, em 21 deles; depois a projeção, em 19; continuando com introspecção, em 16; introjeção em 14. No entanto, 12 não trouxeram informação, ficando registrado como “Não se aplica”. Os demais estão em números mínimos de aparição.

Observa-se que os trabalhos que tratam de biblioterapia procuram estabelecer contato com o público participante com a leitura de textos que promovam a catarse. Este elemento está forte nos registros. Trabalhos em ambientes como hospitais, escolas e bibliotecas são tendências para os aplicadores de biblioterapia.

O resultado apontou um baixo índice de trabalhos sobre a temática e na CI. Na fundamentação teórico-conceitual foi realizado um exercício de aproximação das duas áreas e a provocação para se discutir o Paradigma Social da Ciência da Informação de Capurro (2003). Conclui-se com três considerações podem ser feitas: 1 - de um lado temos baixa produção sobre o universo da informação literária; 2 - de outro lado, a baixa de trabalhos voltados para a Teoria do Efeito Estético provenientes das ideias de Robert Jauss e Wolfgang Iser na área da Ciência da Informação; 3 - de outro ainda, o questionamento de que estariam as bases de dados falhando no processo de indexação ou que os autores não têm colocado os termos corretos para a indexação das produções. Assim sendo, poderia ser ousadia dizer que trabalhar com esta aproximação é algo novo, inovador na Ciência da Informação?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da. **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina, PR: Abecin, 2015.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/19120>>. Acesso em: 20 maio 2017.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerna/k---artigo-01.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação oral da informação: a visibilidade dos mediadores da Ciência da Informação. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da. **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina, PR: Abecin, 2015.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/bucklandcomocoisa.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura segundo Wolfgang Iser. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 5, out. 2012.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e Ciência da Informação**. 200. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 20 maio 2017.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 20 maio 2017.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. A configuração do campo da ciência da informação: marcas de uma identidade. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 22, p. 161-174, Número Especial, 2012. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/13775/8216>>. Acesso em: 20 maio 2017.

FREIRE, Gustavo Henrique. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/442/253>>. Acesso em: 20 maio 2017.

INGWERSEN, P. Conceptions of Information Science. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (ed) **Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London: Taylor Graham, 1992. p. 299-312.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1996 (v.1; Coleção Teoria).

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2002.

LE COADIC, Ives-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

SILVA, Rovilson José da. Oralidade e mediação pedagógica de leitura na escola. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da. **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina, PR: Abecin, 2015.